

DAVID KOEPP

DO
GUIONISTA DE
PARQUE
JURÁSSICO



Achavam que o tinham contido, mas não podiam estar mais enganados...

ABAIXO DE ZERO

HarperCollins
Thriller

**DAVID
KOEPP**

**ABAIXO
DE ZERO**

Editado por HarperCollins Ibérica, S.A.
Núñez de Balboa, 56
28001 Madrid

Abaixo de zero
Título original: Cold Storage
© 2019, David Koepp
© 2021, para esta edição HarperCollins Ibérica, S.A.
Publicado originalmente pela HarperCollins Publishers LLC, New York, U.S.A.
Tradutor: Fátima Tomas da Silva

Reservados todos os direitos, inclusive os de reprodução total ou parcial em
qualquer formato ou suporte.
Esta edição foi publicada com a autorização da HarperCollins Publishers LLC,
New York, U.S.A.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e situações são
produto da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer
semelhança com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais,
acontecimentos ou situações são pura coincidência.

Desenho da capa: HarperCollins
Imagens da capa: Shutterstock e Turbosquid.com

1ª edição: Junho 2021

ISBN: 978-84-9139-658-1

Conversão ebook: MT Color & Diseño, S.L.

Sumário

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Prólogo](#)

[Dezembro de 1987](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Março de 2019](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[As quatro horas seguintes](#)

[Treze](#)

[Catorze](#)

[Quinze](#)

[Dezasseis](#)

[Dezassete](#)

[Dezoito](#)

[Dezanove](#)

[Vinte](#)

[Vinte e um](#)

[Vinte e dois](#)

[Vinte e três](#)

[Vinte e quatro](#)

[Os últimos trinta e quatro minutos](#)

Vinte e cinco

Vinte e seis

Vinte e sete

Vinte e oito

Vinte e nove

Trinta

Trinta e um

Trinta e dois

Trinta e três

Trinta e quatro

Trinta e cinco

Trinta e seis

Trinta e sete

Trinta e oito

Depois

Trinta e nove

Agradecimentos

Para Melissa, que disse: «Sim, claro!»

PRÓLOGO

O maior organismo vivo do mundo é o *Armillaria solidipes*, mais conhecido como cogumelo-do-mel. Tem cerca de oito mil anos de antiguidade e cobre uma superfície de cerca de novecentos e sessenta hectares nas Blue Mountains, no Oregon. Ao longo de oito milénios, espalhou-se, formando uma rede subterrânea de onde brotam, aparecendo da terra, corpos carnudos semelhantes a cogumelos. O cogumelo-do-mel é relativamente inofensivo, a menos que se trate de uma árvore herbácea, um arbusto ou uma planta. Nesse caso, é um genocida: Mata invadindo gradualmente o sistema de raízes da planta e subindo pelo seu caule até impedir a passagem da água e dos nutrientes por completo.

O *Armillaria solidipes* espalha-se pela paisagem a um ritmo de noventa centímetros por ano e demora entre trinta e cinquenta anos a matar uma árvore de tamanho médio. Se pudesse mexer-se muito mais depressa, noventa por cento da vegetação da Terra pereceria, a atmosfera saturar-se-ia de gases venenosos e a vida, tanto animal como humana, acabaria. Mas é um fungo de progressão lenta.

Outros fungos são mais rápidos.

Muito mais rápidos.

Dezembro de 1987

UM

Depois de queimar as suas roupas, rapar a cabeça e esfregar a pele até a fazer sangrar, Roberto Díaz e Trini Romano obtiveram permissão para voltar a entrar no país. Nem sequer então se sentiram completamente limpos, mas tinham feito o possível e o resto dependia do destino.

Agora, estavam num carro do governo, na I-73, a escassos quilómetros do armazém das minas de Atchison. Seguiam de perto o camião que ia à frente, suficientemente colados a ele para que nenhum veículo civil pudesse pôr-se no meio. Trini ocupava o banco do passageiro, com os pés apoiados no tabliê, uma posição que incomodava Roberto, que ia ao volante.

— Porque deixa pegadas — queixou-se, pela enésima vez.

— É pó — acrescentou Trini, também pela enésima vez.

— Limpa-se num minutinho, olha. — Fez uma tentativa desinteressada de limpar as manchas do tabliê.

— Sim, mas não as limpas, Trini. Nunca as limpas, mexes-lhes com a mão e tenho de ser sempre eu a limpar quando levam o carro para o depósito. Ou esqueço-me e deixo-o assim e tem de ser outro a limpar. Não gosto de dar trabalho aos outros.

Trini olhou para ele com os seus olhos de pálpebras pesadas, esses olhos que não acreditavam em quase nada do que viam. Era precisamente por causa desses olhos — e por causa do que conseguiam ver — que era tenente-

coronel aos quarenta anos. Se não chegara mais alto fora por causa da sua incapacidade de se abster de comentar o que via. Trini não tinha filtros, nem lhe faziam falta.

Pensativa, olhou para Roberto durante alguns segundos, levou o cigarro *Newport* que segurava entre os dedos à boca e deixou escapar uma nuvem de fumo pela comissura da boca.

— Aceito, Roberto.

Observou-a.

— O quê?

— As tuas desculpas. Por causa de antes. É por isso que estás a incomodar-me. Metes-te comigo porque não sabes pedir desculpa. Portanto, vou poupar-te trabalho. Aceito as tuas desculpas.

Tinha razão: Trini tinha sempre razão. Roberto ficou calado por um instante, com o olhar fixo na estrada.

Finalmente, quando conseguiu falar, resmungou:

— Obrigado.

Ela encolheu os ombros.

— Vês? Não é para tanto.

— Reagi mal.

— Quase, quase. Mas não por completo. Agora, parece uma paspalhice.

Tinham falado até não poder mais sobre o que acontecera durante aqueles quatro dias, desde que tudo começara, e já não tinham nada para dizer. Tinham revivido e examinado cada instante de todas as perspetivas possíveis, exceto aquele. Sobre esse instante, não tinham dito nada e, agora que tinham puxado o assunto, Roberto não queria desperdiçar a oportunidade de o esclarecer.

— Não me refiro a ela, mas a como falei contigo.

— Eu sei. — Trini pôs-lhe uma mão no ombro. — Não o leves tão a peito.

Roberto assentiu e continuou a olhar em frente. Roberto Díaz achava difícil não levar as coisas tão a peito. Rondava os trinta e cinco anos, mas os seus sucessos pessoais e

profissionais estavam muito além da sua idade cronológica, precisamente porque levava sempre as coisas a sério: Cumpria objetivos, preenchia casinhas sistematicamente. Melhor da turma na Academia da Força Aérea? Feito. Comandante da Força Aérea dos Estados Unidos aos trinta anos? Feito. Condição física e mental excelentes, sem defeitos nem fraquezas aparentes? Feito. Uma esposa perfeita? Feito. Um filho perfeito? Feito. Nenhuma dessas coisas podia conseguir-se através da passividade ou da simples paciência.

«Para onde vou? Para onde vou? Para onde vou?», questionava-se Roberto, constantemente. Só pensava no futuro. Obcecava-se, fazia planos. A sua vida mexia-se depressa, sempre conforme os prazos previstos e em linha reta.

Bom, quase sempre.

Passaram um instante a olhar para o camião que estava à frente deles. Pela abertura da lona que cobria a portinhola de trás, viam a parte de cima do caixote metálico grande que tinham trazido de avião do outro lado do planeta. O camião passou por um buraco, o caixote mexeu-se uns trinta centímetros para trás e eles sustentaram a respiração involuntariamente. Contudo, o caixote continuou no seu lugar. Só mais uns quilómetros, até chegar às grutas, e tudo aquilo acabaria finalmente. O caixote ficaria sepultado a noventa metros por baixo do chão, até ao fim dos tempos.

A mina calcária das grutas de Atchison datava de 1886: Uma pedreira enorme de quarenta e cinco metros de profundidade escavada por baixo das ravinas do rio Missouri. Ao princípio, produzia lastro e brita para as linhas ferroviárias próximas. Depois, continuaram as escavações até onde Deus e a física permitiram ou até os pilares de rocha viva que seguravam a mina alcançarem o limite máximo que qualquer engenheiro no seu juízo perfeito teria considerado seguro. Durante a Segunda Guerra Mundial, a Companhia Nacional de Abastecimentos

usou as cavernas vazias — trinta e dois hectares de espaço subterrâneo com condições de temperatura e humidade reguladas de forma natural — para armazenar mantimentos perecíveis e, passado um tempo, a empresa proprietária vendeu a mina ao Estado por 20 000 dólares. Depois das obras de acondicionamento, que custaram alguns milhões de dólares, as grutas de Atchison transformaram-se num armazém estatal de máxima segurança para situações de emergência, destinado a dar continuidade ao governo e a albergar ferramentas e maquinaria impecável e em perfeito estado de funcionamento, prontas para serem transferidas para qualquer lugar e em qualquer momento no caso de catástrofe. Portanto, mais valia que houvesse uma guerra nuclear o quanto antes, para amortizar o dinheirão que tudo aquilo custara.

Hoje, finalmente, valeria a pena tanto esforço.

A missão fora estranha desde o começo. Tecnicamente, Trini e Roberto pertenciam à DNA, a Agência de Defesa Nuclear. Mais tarde, passaria a integrar-se na DTRA, a confusão burocrática que surgira da reorganização do Departamento de Defesa em 1997. Porém, em 1987, Trini e Roberto ainda eram membros da DNA e o seu trabalho era muito simples e muito claro: Impedir que os outros conseguissem o que nós temos. Se descobrirem um programa nuclear, encontrem-no e acabem com ele. Se encontrarem uma arma biológica horripilante, eliminem-na sem deixar rasto. Não se regulariam gastos, nem se fariam perguntas. Preferiam-se as equipas de duas pessoas para compartimentar as coisas, mas havia sempre reforços disponíveis se fossem necessários. Trini e Roberto raramente precisavam deles. Tinham estado em dezasseis pontos de crise do globo em sete anos e tinham dezasseis «mortes líquidas» em nome deles. Tais mortes não eram literais: No jargão da agência, denominava-se assim os programas de armas neutralizados. Houvera baixas pelo caminho, no entanto. E ninguém fizera perguntas.

Dezasseis missões, mas nenhuma como aquela. Nem de longe.

O avião de transporte da Força Aérea já estava a aquecer os motores na base quando entraram o mais depressa possível e embarcaram. Só havia mais uma passageira e Trini sentou-se à frente dela. Roberto acomodou-se do outro lado do corredor, num banco do fundo, também de frente para a jovem de olhos claros, vestida com roupa de safari muito desgastada.

Trini estendeu-lhe a mão e a jovem apertou-a.

— Tenente-coronel Trini Romero.

— Doutora Hero Martins.

Trini assentiu em silêncio e, pondo uma pastilha *Nicorette* na boca, examinou-a com atenção, sem medo de a observar. Era perturbador. Roberto limitou-se a esboçar um cumprimento: Nunca gostara de entrar nesse jogo, de lançar esses olhares que pareciam dizer: «Vejo as tuas intenções».

— Comandante Roberto Díaz.

— É um prazer conhecê-lo, comandante — disse Hero.

— Que tipo de doutora é? — perguntou Roberto.

— Microbióloga. Universidade de Chicago. Especializada em vigilância epidemiológica.

Trini continuava a olhar para ela.

— Chama-se mesmo assim? Hero[1]?

Hero suspirou dissimuladamente. Com trinta e quatro anos, estava habituada a essa pergunta.

— Sim, o meu nome é mesmo esse.

— Hero como o Super-homem ou Hero como o mito grego? — perguntou Roberto.

Olhou para ele. Não faziam essa pergunta com tanta frequência.

— O segundo. A minha mãe era professora de línguas clássicas. Conhece o mito?

Roberto levantou a cabeça, semicerrou o olho esquerdo e fixou o olhar no horizonte, num ponto situado por cima à direita, como fazia sempre que tentava extrair um dado confuso das regiões mais pantanosas do seu cérebro. Finalmente, encontrou-o e extraiu-o trabalhosamente do lamaçal.

— A Hero vivia numa torre, junto de um rio?

Ela assentiu.

— O Helesponto.

— Alguém se apaixonava por ela.

— O Leandro. Todas as noites, ele atravessava o rio a nado até à torre para a cortejar. A Hero acendia uma tocha na torre para que lhe servisse de guia até à margem.

— Mas ele afogou-se na mesma, não foi?

Trini virou-se e olhou para Roberto com um desagrado visível. Roberto era bonito até um ponto que era exasperante. Filho de um mexicano e de uma californiana loira, irradiava boa saúde e tinha um cabelo que duraria para sempre. Era, além disso, casado com uma mulher inteligente e divertida chamada Annie que Trini achava tolerável, o que não era dizer pouco no seu caso. No entanto, estava há menos de trinta segundos naquele avião e já estava a tentar seduzir aquela mulher. Trini nunca o considerara um canalha e esperava não ter de começar a fazê-lo agora. Olhou fixamente para ele, mascando a pastilha elástica com força.

Contudo, Hero já mordera o anzol. Continuou a falar com Roberto como se ela não existisse.

— Uma noite — continuou —, a Afrodite, ciumenta do seu amor, apagou a tocha da Hero e o Leandro perdeu-se. Ao descobrir que se tinha afogado, a Hero suicidou-se, atirando-se do cimo da torre.

Roberto ficou a pensar nisso por um instante.

— Qual é a moral? Tenta conhecer alguém que viva na tua margem do rio?

Hero encolheu os ombros com um sorriso.

— Não incomodes os deuses, acho.

Trini, cansada da conversa, olhou para os pilotos e fez-lhes um gesto, girando o dedo no ar. Os motores ganharam vida imediatamente e o avião seguiu pela pista com uma sacudidela. Assunto resolvido.

Hero olhou à volta, alarmada.

— Esperem, já vamos? E o resto da equipa?

— Só estamos nós — respondeu Trini.

— Têm...? Têm a certeza? Porque talvez não consigamos lidar com isto sozinhos.

Roberto parecia tão seguro de si próprio como Trini, mas mostrava-se menos antissocial.

— Porque não nos conta do que se trata — pediu a Hero —, e nós poderemos dizer-lhe se conseguiremos lidar com isso ou não?

— Não vos disseram nada? — perguntou ela.

— Disseram-nos que vamos à Austrália — indicou Trini. — E que a doutora sabia o resto.

Hero virou-se e olhou pela janela enquanto o avião descolava. Já não podia voltar atrás.

Abanou a cabeça.

— Nunca entenderei o exército.

— Eu também não — concordou Roberto. — Nós somos da Força Aérea. Destacados na Agência de Defesa Nuclear.

— Este não é um assunto nuclear.

Trini franziu o sobrolho.

— Se a enviaram, será porque suspeitam que se trata de uma arma biológica, imagino.

— Não.

— O que é, então?

Hero refletiu por um segundo.

— Boa pergunta.

Abriu o dossiê que estava na mesa, à frente dela, e começou a falar.

Seis horas depois, parou.

O que Roberto sabia sobre o oeste da Austrália teria cabido num livro muito pequeno. Ou num folheto, melhor dizendo: De uma só página e com letra bem grande. Hero informou-os de que se dirigiam para uma povoação remota chamada Kiwirrkurra, em pleno deserto de Gibson, cerca de mil e duzentos quilómetros a este de Port Headland. A vila fora criada há apenas uma década como posto remoto pintupi, dentro dos planos do governo australiano para encorajar os grupos aborígenes a regressar às suas terras ancestrais depois de décadas de maus-tratos e expulsões sistemáticas daquelas regiões, sobretudo, nos anos sessenta, quando se levaram a cabo os testes dos mísseis Blue Streak. Não pode viver-se numas terras que vão ser destruídas: Não é saudável.

No entanto, em meados da década de 1970, os testes acabaram, a sensibilidade política mudou e os últimos pintupi foram transferidos de volta a Kiwirrkurra, que nem sequer era no meio do nada, mas a algumas centenas de quilómetros dos seus últimos limites. Lá, viviam, no entanto, os vinte e seis pintupi, tão feliz e aprazivelmente como um grupo humano podia viver num deserto sufocante, sem eletricidade, linha telefónica ou comunicação com a sociedade moderna. Gostavam, na verdade, de estar isolados e os anciãos alegravam-se especialmente por terem regressado à terra dos seus antepassados.

E, então, caiu-lhes o céu em cima.

Não todo, explicou Hero. Só um pedaço.

— O que era? — perguntou Roberto, que não parara de olhar para ela nos olhos enquanto falava.

Sabia — não se enganava — que Trini estava a observá-lo. De facto, a parceira fixava o olhar nele como se lhe ordenasse fisicamente que acabasse com aquela porcaria.

— O Skylab.

Trini virou a cabeça e olhou para ela.

— Foi em 1979?

— Sim.

— Achava que tinha caído no oceano Índico.

Hero assentiu.

— Na sua maior parte. Os poucos fragmentos que caíram na terra foram parar aos subúrbios de uma localidade chamada Esperance, também na Austrália Ocidental.

— Perto de Kiwirrkurra? — perguntou Roberto.

— Não há nada perto de Kiwirrkurra. Esperance é a dois mil quilómetros de lá e tem dez mil habitantes. Em comparação, é uma grande urbe.

— O que aconteceu com os pedaços que caíram em Esperance?

Hero passou à secção seguinte das suas notas. Os fragmentos que caíram em Esperance foram apanhados pelos aldeãos que, por iniciativa própria, os transferiram para o museu local, uma sala de baile antiga que depressa se transformou no Museu Municipal de Esperance e Observatório Skylab. O bilhete custava quatro dólares, em troca dos quais podia ver-se o maior tanque de oxigénio do laboratório orbital, o congelador onde se armazenavam a comida e outras provisões, algumas esferas de nitrogénio pertencentes aos propulsores de controlo de inclinação e um fragmento da escotilha por onde os astronautas entravam durante as suas visitas. Também se exibiam alguns bocados irreconhecíveis, incluindo um pedaço de chapa que, curiosamente, tinha o nome Skylab estampado no centro com a tinta vermelha intacta.

— Durante anos, a NASA presumiu que não se encontraria mais nada, dado que o resto ou ardeu ao entrar na atmosfera ou estava no fundo do oceano Índico — prosseguiu Hero. — Passados cinco ou seis anos, concluíram que, se tivesse caído mais alguma coisa em terra, já teria aparecido ou teria caído em algum sítio inabitável.

— Como Kiwirrkurra — disse Roberto.

Ela assentiu com um gesto e virou a página.

— Há três dias, recebi uma chamada da Unidade de Exobiologia da NASA. Tinham recebido uma mensagem, enviada através de seis organismos estatais. Pelos vistos, alguém tinha ligado da Austrália Ocidental para avisar que «uma coisa tinha saído do tanque».

— De que tanque?

— Do tanque de oxigénio suplente. Que caiu em Kiwirrkurra.

Trini chegou-se para a frente.

— Quem ligou da Austrália Ocidental?

Hero olhou para as notas.

— Identificou-se como Enos Namatjira. Disse que vivia em Kiwirrkurra e que o tio encontrou o tanque enterrado há cinco ou seis anos. Como tinha ouvido falar da nave espacial que caiu do céu, levou-o e pô-lo à frente da sua casa como uma lembrança. Agora, aparentemente, aconteceu alguma coisa com o tanque e o homem adoeceu. Muito rapidamente.

Roberto franziu a sobrancelha, tentando entender a situação.

— Como é que esse tipo sabia para que número tinha de ligar?

— Não sabia. Começou pela Casa Branca.

— E chegou até à NASA? — perguntou Trini, com incredulidade. Tanta eficácia era inaudita.

— Teve de fazer dezassete chamadas e percorrer cinquenta quilómetros de cada vez até ao telefone mais próximo, mas, sim, conseguiu finalmente falar com a NASA.

— Parecia muito decidido — comentou Roberto.

— Sim, porque, então, já havia pessoas a morrer. Finalmente, puseram-no em contacto comigo há um dia e meio. Às vezes, trabalho para a NASA, inspecionando os seus veículos de reentrada para me certificar de que estão limpos de formas biológicas não terrestres, o que acontece invariavelmente.

— E acha que, desta vez, chegou alguma coisa do exterior? — perguntou Trini.

— Nem por isso. É aqui que a coisa fica interessante.

Roberto inclinou-se para a frente.

— Já me parece muito interessante.

Hero sorriu. Trini tentou não mostrar aborrecimento.

— O tanque estava hermeticamente fechado — explicou Hero —, e duvido muito que pudesse trazer alguma coisa do espaço que não levasse consigo quando o puseram em órbita. Examinei todos os arquivos do Skylab e parece que esse tanque de oxigénio em concreto foi enviado no último reaprovisionamento, não para a circulação de oxigénio, mas unicamente para ser encostado a um dos braços exteriores do laboratório orbital. Lá dentro, havia um organismo micótico, uma espécie de primo do *Ophiocordyceps unilateralis*, um fungo muito curioso que pode parasitar diferentes espécies, conhecido por sobreviver em condições extremas, um pouco como os esporos do *Clostridium difficile*. Esse nome é-vos familiar?

Mostraram que não. Conhecer o *Clostridium difficile* não era um requisito imprescindível no seu ofício.

— É pernicioso. Consegue sobreviver em qualquer lugar: Dentro de um vulcão, no fundo do mar ou no espaço.

Trini e Roberto limitaram-se a olhar para ela, aceitando a informação.

— A questão é — prosseguiu ela —, que a amostra do tanque fazia parte de um projeto de investigação. O fungo tem algumas propriedades de crescimento muito peculiares e queriam ver como as condições do espaço o afetavam. Recordem que estamos a falar dos anos setenta. As estações orbitais eram o melhor que existia, portanto, precisavam de desenvolver fármacos antimicóticos para os milhões de pessoas que iam viver lá em cima. Só que não tiveram oportunidade de o fazer.

— Porque o Skylab caiu.

— Exato. Portanto, quando estava há cinco ou seis anos à intempérie à frente da casa do tio do Enos Namatjira, o tanque começou a enferrujar. O homem queria arranjá-lo um pouco, abrilhantá-lo e deixá-lo como novo, pensando que talvez as pessoas pagassem para o ver. Tentou limpar o óxido, mas estava muito preso. Segundo Enos, tentou produtos diferentes e, finalmente, optou por uma solução caseira: Cortou uma batata ao meio, encheu-a de detergente da loiça e esfregou a parte de fora do tanque.

— Funcionou?

— Sim. O óxido saiu facilmente e o tanque ficou brilhante. Alguns dias depois, o tio adoeceu. Começou a comportar-se de forma estranha, a desvairar. Subiu para o telhado da casa e recusou-se a descer. Depois, começou a inchar incontrolavelmente.

— O que raios se passou? — perguntou Trini.

— Tudo o que disser a partir deste momento é simples especulação.

Hero fez uma pausa. Eles esperaram. Embora não se sentisse consciente disso, a doutora Martins sabia como contar uma história: Estavam embevecidos.

— Acho que a combinação química que o tio de Enos usou se introduziu pelas microfissuras da cobertura do tanque e chegou ao interior, reidratando o *Cordyceps* em estado latente.

— A batata? — perguntou Roberto, incrédulo. Não parecia muito hidratante.

Ela assentiu.

— Uma batata comum é composta por setenta e oito por cento de água. Contudo, o fungo não só se reidratou. Além disso, recebeu pectina, celulose, proteína e gordura. Tinha, por outro lado, um sítio muito agradável onde crescer. A temperatura média no deserto da Austrália Ocidental nesta época do ano supera com acréscimo os trinta e oito graus centígrados. Dentro do tanque,

certamente, alcançava os cinquenta e quatro. Letal para nós, mas perfeita para o fungo.

Trini queria ir direta à questão.

— Então, está a dizer que essa coisa voltou à vida?

— Não exatamente. Repito que são apenas especulações, mas acho que é possível que os polissacarídeos presentes na batata se tenham combinado com o ácido palmítico do detergente da loiça para produzir um meio favorável para o seu crescimento. Normalmente, são moléculas grandes, inertes e aborrecidas, mas, juntas, podem causar uma confusão. A culpa não é do tio. O pobre homem não tentava causar uma reação química.

Animava-se à medida que falava. O exercício intelectual fazia com que os seus olhos brilhassem e Roberto sentia-se incapaz de desviar o olhar dela: Não conseguia evitá-lo.

— Mas causou essa reação química?

— Merda, é claro que sim!

Santo Deus, até blasfemava. Roberto sorriu.

— Contudo, não acho que os polissacarídeos ou o ácido palmítico tenham sido o reagente de base. — Inclinou-se para a frente, como se se dispusesse a acabar uma piada que todos iam adorar. — Foi a oxidação. $\text{Fe}_2\text{O}_3 \cdot n\text{H}_2\text{O}$.

Trini pôs a pastilha elástica num lenço de papel e pôs outra pastilha na boca.

— Acha, doutora Martins, que conseguirá encontrar, em algum cantinho do seu ser, a capacidade de resumir?

Hero observou-a, adotando novamente uma atitude objetiva.

— Claro. Enviámos para o espaço um extremófilo hiperagressivo resistente ao calor intenso e ao vazio, mas sensível às temperaturas baixas. Nesse meio, o organismo entrou num estado de latência, mas continuou a ser hiper-recetivo. Em algum momento do caminho, deve ter apanhado uma boleia, digamos. Talvez tenha estado exposto à radiação solar. Ou talvez um esporo tenha entrado pelas microfissuras do tanque no momento da

reentrada na atmosfera. Em todo o caso, quando o fungo regressou à Terra, saiu do seu estado de latência e encontrou-se num ambiente quente, seguro, rico em proteínas e favorável ao seu crescimento. E algo fez com que a sua estrutura genética complexa mudasse.

— Para se transformar no quê? — perguntou Roberto.

Hero olhou para ambos como uma professora olharia para alguns alunos um pouco tolos que não conseguiam entender o óbvio.

— Acho que criámos uma espécie nova — concluiu. Fez-se um silêncio. Dado que a teoria era dela, Hero decidiu que tinha o direito de dar um nome à nova espécie: — *Cordyceps novus*.

Trini limitou-se a olhar para ela.

— O que é que o senhor Namatjira disse?

— Que tinha de fazer umas verificações e que voltaria a ligar-me seis horas depois. Não me ligou.

— O que fez então?

— Liguei para o Departamento de Defesa.

— E o que fizeram? — perguntou Roberto.

Apontou para eles.

— Enviaram-vos.

[1] Hero, «herói». (N. do T.)

DOIS

As seis horas seguintes de voo decorreram em relativo silêncio. Enquanto sobrevoavam a Costa Oeste da África e anoitecia, Trini fez o que costumava fazer quando ia a caminho de uma missão: Aproveitar para dormir quando ainda havia tempo. Também nunca passava junto de uma casa de banho sem a usar. Eram as pequenas coisas que importavam quando as pessoas tinham de limitar as suas necessidades ao máximo. Hero cansou-se de olhar para as botas de Trini, que esta apoiara no banco do lado e, quando o avião estava quase às escuras, levantou-se, passou por cima das suas pernas e atravessou o corredor.

— Importas-te? — sussurrou, apontando para o banco vazio que havia junto de Roberto.

Não se importou. Mesmo nada. Mexeu as pernas para a deixar passar e ela acomodou-se o melhor que pôde no banco. O motivo aparente da sua mudança de lugar era que, ali, podia pôr as pernas ao alto. Mas também poderia tê-lo feito no outro banco, pensou Roberto. Talvez a verdadeira razão fosse os olhares furtivos que trocavam de vez em quando desde que ela acabara o seu relatório, mas era melhor para ele — psicologicamente, pelo menos — presumir que se tratava do mais óbvio, sabendo, ao mesmo tempo, que não era assim.

As coisas que alguém pensa...

A verdade pura e dura era que Roberto distava muito de ser inocente naquele caso. Sentira uma atração imediata pela doutora Hero Martins e, embora nunca agisse, precisava de saber que ainda tinha o seu antigo encanto e que ainda podia recorrer a ele. Estava há uns três anos casado com Annie e o começo do seu casamento não fora fácil. Tinham passado o primeiro ano cheios de trabalho. Depois, Annie engravidara muito antes do previsto. A gravidez complicara-se e tivera de ficar de cama nos últimos quatro ou cinco meses, o que teria sido difícil para qualquer pessoa, mas especialmente para ela, que era como uma máquina de movimento perpétuo. Estava habituada, por causa do trabalho como jornalista, a andar sempre de um lado para o outro e estar fechada em casa parecia-lhe um suplício. Depois, nasceu o bebé e, enfim, já se sabe o que isso é: Um bebé.

E, assim, acabaram os melhores anos. O que acontecera a estarem sozinhos, a essa primeira época de felicidade matrimonial em que se desfruta da juventude, da beleza e da liberdade e um do outro? E, já que perguntava, o que acontecera ao sexo, por amor de Deus? Roberto odiava transformar-se num clichê, no típico homem casado que se lamenta da falta de sexo posterior ao nascimento de um bebé, mas, mesmo assim, era um homem na flor da vida. E, agora, não se via a envelhecer com Annie. Àquele ritmo não, certamente.

Mas amava-a. E não queria enganá-la.

Era por isso que seduzia. Na verdade, nunca tivera jeito para seduzir quando a coisa era séria, mas era tudo mais simples quando não havia intenção de as coisas chegarem mais longe. Ainda se surpreendia com a desenvoltura com que era capaz de falar com mulheres atraentes neste momento da sua vida e com o facto de a sua resposta ser sempre tão positiva. Um homem de trinta e tal anos, formal e inalcançável, era muito diferente de um miúdo de vinte e quatro com um nó na língua e uma ereção perpétua.

Essa imagem encaixava perfeitamente com as preferências e predileções de Hero. Desde o fim da sua relação longa e tortuosa com Max, um estudante de doutoramento mais ou menos da sua idade e um pouco imaturo, gostava dos homens casados. Não é que tivesse fraqueza por eles, o que teria sugerido uma certa propensão amoral: O desejo de fazer alguma coisa pelo facto de ser mau e não apesar de o ser. Nada disso. Tinha, no entanto, preferência pelos homens casados, uma regra ou diretriz pessoal baseada nas suas vantagens óbvias, que um dia, durante uma aula extraordinariamente aborrecida de microusinagem a laser, começara a enumerar num caderno. Essas vantagens eram, por ordem de importância:

1. A sua conduta costumava ser, regra geral, mais adulta, dado que tinham aceitado as mudanças próprias da vida, mostrando-se dispostos a casar-se e a partilhar — pelo menos até certo ponto — a sua vida com outra pessoa, o que significava, por definição, uma capacidade de compromisso e preocupação pelo outro.
2. Costumavam ser melhores na cama, não só por volume de experiência, mas por experiência repetida com a mesma mulher, o que, indevidamente, conduzia a uma maior intuição de como dar prazer, para além de o receber, a não ser que fossem uns completos narcisistas, o que era improvável, tendo em conta o ponto 1.
3. Eram educados e agradecidos e não deixavam o chão sujo, dado que, ao fim e ao cabo, tinham passado, no mínimo, alguns anos a ser treinados no uso da casa banho por uma mulher adulta que não era a sua mãe.
4. Tinham para onde ir, normalmente, dentro de uma margem de tempo razoável depois de ter sexo, o que lhe deixava as noites livres para as dedicar ao seu trabalho.

5. Eram, por definição, incapazes de se entregar a uma relação exclusiva, coisa que lhe permitia fazer o que lhe apetecesse no caso improvável de aparecer algo melhor.

Hero tinha consciência de que havia inúmeros argumentos contra, que tiravam mérito ao amante casado, e que resumira limpamente numa só premissa na primeira página do seu caderno:

1. São infiéis.

No entanto, ela também era e sabia. E não porque os enganava. Nunca tinha múltiplos amantes: Uma confusão amorosa de cada vez era mais do que suficiente. Também não enganava — segundo os seus cálculos — as esposas desventuradas, visto que não as conhecia e nunca lhes prometera nada. Na verdade, só era infiel a si própria ao passar o tempo com uma série de pessoas que, aparentemente, dada a natureza intrínseca da sua relação, não sabiam como amar.

Mesmo assim, ali estava e ali estava Roberto. Ali estavam ambos, possivelmente rumo à morte (estava a perder o controlo enquanto procurava desculpas?) e, sem dúvida, não havia nada de mal em ter uma conversa agradável e vital com um militar bonito de cerca trinta e cinco anos que claramente se sentia atraído por ela. O facto de usar uma aliança era pura coincidência.

Enquanto Trini dormia, Roberto e Hero esticaram as pernas, apoiando-as no banco da frente, encostaram-se o máximo que puderam e falaram em sussurros. Não estavam cansados — a energia que vibrava no ar era demasiado estimulante —, portanto, falaram da vida dele, deixando a família de lado, e da vida dela, omitindo o seu historial romântico com tipos como ele. Falaram dos seus respetivos trabalhos, dos perigos que Roberto enfrentara e dos lugares exóticos e temíveis que ela visitara em busca de

novos micro-organismos. E, enquanto conversavam, começaram a afundar-se cada vez mais nos bancos e a juntar as cabeças a pouco e pouco. Quando começou a notar-se um pouco de frio na cabina enquanto sobrevoavam o Quénia, Roberto levantou-se, tirou algumas mantas de lã áspera de um armário próximo e aninharam-se por baixo.

Então, ela coçou o nariz.

E, quando voltou a baixar a mão, apoiou-a no banco, entre os dois, tocando com o dedo mindinho na coxa direita dele. Roberto reparou e ela não afastou a mão. Passaram outros vinte minutos, vinte minutos de conversa relaxada, entre sussurros, sem uma única insinuação. Depois, foi ele que fez o movimento seguinte: Mudou de posição, teoricamente para esticar as pernas, mas, quando voltou a pousá-las no banco da frente, apertou a perna contra a dela e ela correspondeu quase imediatamente. Não falaram disso. Nenhum dos dois mostrou que se apercebera. Se se ouvisse a sua conversa, podia presumir-se que eram dois colegas de trabalho pertencentes a campos ligeiramente diferentes que se tinham encontrado num encontro profissional e estavam a ter a conversa mais inocente, respeitável e aborrecida do mundo.

No entanto, nem ela afastou a mão, nem nenhum dos dois afrouxou a pressão da perna. Ambos sabiam. Só que não o diziam.

Passado um momento, Hero espreguiçou-se e levantou-se.

— A casa de banho?

Ele apontou para o fundo. Agradeceu com um sorriso, passou entre os bancos e dirigiu-se para o fundo do avião.

Roberto viu-a a afastar-se. Por dentro, estava aterrorizado há várias horas. Mal conseguia acreditar no que estava a acontecer. Nenhuma das suas seduções relativamente inocentes chegara tão longe e tinha a sensação de estar a deslizar por um buraco enlameado de onde não conseguia sair. Com cada movimento que fazia,

afundava-se mais no buraco e, quando não se mexia, era ainda pior, porque a gravidade o puxava para baixo.

E gostava. Estava zangado, zangado por não ter o que queria — ou o que merecia — em casa e porque não haveria de o conseguir daquela mulher brilhante e linda que lhe pedia tão pouco, que o achava tão fascinante e que, evidentemente, estava interessada? Porque não haveria de o fazer, para além de ser um completo erro? Ou talvez não estivesse a acontecer. Talvez houvesse um motivo inocente para explicar o toque da sua mão e da sua perna — certamente, ela nem sequer reparara, por amor de Deus —, e ele estava a deixar que o seu impulso sexual hiperativo se apropriasse, como sempre, da sua mente racional.

Ou talvez estivesse a acontecer e talvez ele quisesse que acontecesse. Talvez se levantasse, se dirigisse para o fundo do avião, falasse um pouco mais com ela e, se por acaso olhasse para os seus olhos durante mais alguns segundos do que o necessário, a beijasse. Talvez sim. Talvez se levantasse e o fizesse agora mesmo.

Usou todo o ressentimento que pôde encontrar, toda a indignação acumulada ao longo de três anos de casamento frustrante, e levantou-se.

Então, sentiu que uma mão pousava no seu braço.

Virou-se. Trini estava acordada e olhava para ele fixamente enquanto lhe agarrava o braço esquerdo com a mão direita.

Roberto olhou para ela, cobrindo a sua cara com uma máscara incompetente de inocência. O olhar penetrante de Trini, fixo nele, brilhava à luz ténue da cabina.

— Senta-te, Roberto — disse.

Ele abriu a boca, mas não lhe saíram as palavras. Não sabia mentir e menos ainda improvisar desculpas, de modo que, em vez de balbuciar alguma estupidez, optou por fechar a boca e encolher os ombros como se dissesse: «Não sei do que falas».

— Senta-te.

Roberto sentou-se. Ela inclinou-se para a frente e pôs-lhe a mão na nuca.

— Tu não és assim, miúdo.

Roberto sentiu que corava: A raiva, a vergonha e o desejo frustrado fizeram com que todo o sangue restante se amontoasse na cara.

— Não te metas.

— Isso digo eu — declarou Trini, sem parar de olhar para ele.

Ele desviou o olhar. Sentia-se humilhado e queria que ela se sentisse da mesma forma.

— Ciumenta? — perguntou, olhando para ela.

Queria atacá-la e fê-lo. Queria criticá-la e conseguiu. Trini torceu o nariz ligeiramente, decepcionada e magoada.

Há já dez anos que o seu primeiro e único casamento acabara e o facto de se ter casado já era notável por si só. O seu casamento acabara não por causa das viagens e do secretismo que o seu trabalho significava, mas por causa do desagrado inato que os outros seres humanos lhe inspiravam. As pessoas eram boas, só que não gostava de as ver nem de as ouvir. Estava sozinha há uma década e estava muito bem assim.

Sempre tivera a convicção íntima de que a atração que sentia de vez em quando por Roberto era apenas uma simples reação química ao seu aspeto físico. Gostava bastante dele, gostava de trabalhar com ele, admirava profundamente o seu profissionalismo e o facto de não sentir a necessidade compulsiva de conversar, mas nunca sentira o mínimo interesse amoroso por ele. Era o seu colega de trabalho. Um colega de trabalho incrivelmente bonito, sim. Às vezes, até as pessoas que não são gulosas gostam de uma fatia de bolo de chocolate. É para isso que serve: Foi criado para ter bom aspeto. Tal como ele. E, normalmente, era assim. Em todo o caso, não fazia mal: Trini ignorava-o e ponto final.